

4. Conclusão

Quero começar minha conclusão com uma frase de Erasmo sobre a Loucura, que resume o que mais me afetou na literatura de Silviano:

A experiência da vida e o respeito a certas convenções, havidas como sinal de juízo por toda a gente, são causas de que a beleza se altere, a alegria se apague e o vigor diminua. Quanto mais os homens se afastam de mim (Loucura), tanto mais a vida deles se aparta. (Erasmo, 1914, p.31)

A beleza, a alegria e o vigor dos romances de Silviano estão justamente na sua *falta de juízo* em escolher protagonistas marginalizados pela sociedade, em narrar abolindo os limites do indivíduo, em desconstruir as falácias mais caras e cristalizadas em nossa cultura. “A experiência da vida e o respeito a certas convenções”, dois eufemismos para o peso paralisante da tradição, não obstruem seu trabalho literário, que, ao contrário, desponta como agente de transformações culturais e políticas. Seu texto não fica preso à página do livro e, apropriado pelo leitor estimulado a tantas reflexões, passa a interferir no mundo.

Através do duplo, Silviano enfrenta a obsessão de nossa cultura de impor a unicidade, as categorias unificadoras, soberanas, generalizadoras, e, portanto, violentas. O duplo é o estranho que nos enriquece e nos dá uma perspectiva de abertura para a alteridade. O confronto com o passado, em seus livros, não tem o sentido nostálgico ou prescritivo, mas o de fazer o presente adquirir novos significados. A literatura de Silviano prega a inquietação, a resistência, a vida, o prazer, o corpo e a amizade. Proporciona a experimentação de novos modelos de entendimento e, sobretudo, a possibilidade de experimentar esteticamente o Outro.

Acredito na política da amizade, na experimentação de novas formas de sociabilidade, já que são tão pobres as formas atuais, já que tão pobre anda o imaginário que determina nossa maneira de interagir afetivamente. Na política, estamos presos à democracia representativa e à política partidária, e nas relações de amizade à metáfora familiar. É preciso extrapolar este imaginário, criar alternativas, por mais que haja riscos. É preciso aprender a pensar diferente.

Considero incompreensível a fobia social a qualquer mudança, mesmo quando tudo se mostra absurdo e insustentável. Os homens, acredito eu, foram tão beneficiados pelas mudanças obtidas pelo movimento feminista quanto as mulheres. A legitimação do homoerotismo não abalará em nada, ao contrário, só fará ampliar o horizonte de práticas e possibilidades dos heterossexuais; portanto, não entendo a dicotomia. Através das ponderações de Jurandir Freire Costa, percebi o temor da psicanálise de se pôr à prova os tabus, o que daria a vitória à barbárie. A convicção que eu construí nesses seis meses de mergulho nos escritos de Silvano e de outros autores que a partir dele fui buscando caminha em sentido contrário. Parafraseando Nietzsche, acredito que seja preciso determinar novamente o peso de todas as coisas, porque a barbárie não está na alteridade. A barbárie está instalada na civilização.